

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº58 - JULHO - PORTO VELHO, 2002
VOLUME IV
ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História

ARNEIDE CEMIN - Antropologia

ARTUR MORETTI - Física

CELSO FERRAREZI - Letras

FABÍOLA LINS CALDAS - História

JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia

MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação

MARIO COZZUOL - Biologia

MIGUEL NENEVÉ - Letras

VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA

ISSN 1517-5421

lathé biosa

58



**NOS RASTROS DA LEITURA, AS MARCAS
DO AUTOR E DO LEITOR**

NAIR GURGEL



Nair Gurgel

Professora de Linguística - UFRO

naigel@unir.br

NOS RASTROS DA LEITURA, AS MARCAS DO AUTOR E DO LEITOR

"A história das andanças do homem através de seus próprios textos está ainda em boa parte por descobrir". (Michel de Certeau)

Falar sobre leitura não é uma tarefa fácil, tenho consciência do fato. Afinal, num país onde o professor que valoriza a leitura é taxado de preguiçoso, onde alguns acham que ler não é trabalho, espera-se, pelo menos, que uma reflexão sobre a teoria da leitura possa circular entre "leitores ideais". Na verdade, o que me atrai é o desafio posto ante uma concepção discursiva de leitor, de autor e de texto. As condições de produção, que de acordo com a Análise do Discurso Francesa, transforma um enunciado em discurso nos autorizam a dizer que o leitor não pode fazer o que bem entender em relação ao texto. Melhor seria dizer que o texto impõe limites ao leitor. "Uma concepção discursiva de texto e de leitura supõe que jamais se lê um texto na sua qualidade de enunciado (produto), mas sempre na sua qualidade de discurso. O simples fato de ler impossibilita que o texto esteja aí como produto, já que ler é um processo e 'ler' um verbo transitivo".(Possenti, 1992)

Segundo Umberto Eco (1987), "um texto, na sua superfície lingüística, representa uma cadeia de artifícios de expressões que devem ser atualizados pelo leitor. Já Ducrot (1987), postula que um texto distingue-se de outros tipos de expressão por sua maior complexidade, ou seja, pelo fato de ser entremeado do *não dito*. – não manifestação em superfície. Portanto, podemos dizer que ler é exercitar um conjunto de estratégias, de hipóteses, a fim de que o *não dito* possa ser atualizado pelo leitor, através de movimentos cooperativos, conscientes e ativos. Como numa guerra, quando se projeta um modelo de adversário, escrever um texto, implica em prever os movimentos dos leitores. Isso não significa que o leitor pode inferir qualquer coisa, nem mesmo estamos defendendo uma teoria da "abertura". É que a *competência do leitor não é necessariamente a do autor*. Para ler um texto, não é necessário apenas que o leitor tenha competência lingüística, mas sobretudo, uma capacidade de lidar com pressuposições e idiosincrasias. Todo bom estrategista deve considerar, também, os acidentes casuais e trabalhar com a probabilidade.

Como já sabemos que a língua não é um código, podemos dizer, sem medo de errar, que uma das principais tarefas do texto é fornecer "pistas" ao leitor, seja pela escolha da língua, pelo tipo de enciclopédia, pela escolha do léxico, do estilo ou do gênero utilizados. Assim, escolhendo o alvo a ser atingido, o autor fará com que toda maneira de dizer seja aquilo que possivelmente o seu leitor pode entender. Empenhar-se-á no sentido de estimular um efeito preciso, dará pistas para a interpretação do tipo: *Como era de esperar...*- para conduzir o leitor a interpretação já pré-formulada por ele ; *Foi*

muita crueldade o que ele fez...- levando a acreditar firmemente na cruel intenção do personagem; *Por mais engraçado que possa parecer...*- eliminando qualquer senso de humor do texto, etc.

A 'abertura' de uma obra é determinada pelo 'modo' de usar o texto, ou seja, por seu exterior. O autor pretende regular a própria estratégia utilizada, decidindo até que ponto deve controlar a cooperação do leitor, escolhendo os graus de dificuldades lingüísticas, as referências, as alusões e as possibilidades de intertextualidade. Acontece que, às vezes, a competência do leitor não é prevista com eficiência (seja por preconceito, pela historicidade mal observada ou outro fator qualquer) o que pode acarretar distorções na leitura.

Devemos distinguir, conforme GERALDI (1991), as razões 'por que' vamos a um texto (pesquisa, busca de informação, pretexto ou fruição). Na fronteira entre o 'uso livre' de um texto e a sua interpretação, está aquilo que Barthes chama de texto de fruição e gozo. O leitor tem que decidir. Porém, alguns limites devem ser estabelecidos, pois a noção de interpretação sempre envolve uma dialética entre estratégias do autor e resposta do leitor. Como a cooperação textual realiza-se entre duas estratégias discursivas e não entre dois sujeitos individuais, o autor não tem papel na interpretação, pois o material da interpretação é o texto e não o autor. Logo, o sentido vem da prática discursiva.

Podemos entender que a leitura de um texto pressupõe um autor que depende de traços textuais, mas que *joga*, também, com o que está atrás do texto, atrás do destinatário e diante do processo de cooperação. Não é possível considerar as condições de leitura sem considerar as condições de produção. Cabe, então, uma pergunta que nos remete ao que afirmou GERALDI acima: *O que quero fazer com este texto?* Ou, ainda, a sua similar, sugerida por SÍRIO POSSENTI: *Por que o leitor leu o que leu?* Resumimos assim: *Para que e Por que leio?*

Acreditar que existam leituras "erradas" não é, naturalmente, imaginar que apenas determinado grupo seria capaz de fazer a leitura certa e os outros não saberiam ler. Segundo POSSENTI (1990), "pode não haver nenhuma casta, mas pode haver leitores com "enciclopédias" que lhes permitem ler corretamente certos textos e certos leitores que não conseguem ler certos textos senão de forma equivocada. E isso não implica existência de castas, implica apenas leitores com diferentes especializações ou conhecimentos prévios, ou, com diferentes histórias... se a afirmação implicasse a existência de castas, implicaria tantas castas que a categoria perderia o sentido."

Nesse trabalho, pretendo adotar uma postura o mais racional possível, a fim de que não caia no subjetivismo grosseiro. Para tanto, é necessário que se adote uma teoria minimamente séria a respeito da linguagem. Estou querendo dizer que, embora concorde que haja textos onde é possível fazer várias interpretações, existem, também, aqueles de leitura única. Para comprovar minha hipótese, vou buscar nos textos humorísticos um certo controle de interpretação. A apreensão do efeito de humor nos possibilitará dizer se o texto foi devidamente interpretado, segundo a "intenção do texto", conforme FOUCAULT (1986), ou a "intenção do autor" conforme FREUD (1976), quando se refere ao espaço da intenção em sua teoria. Enfim, uma boa

teoria da leitura deve encarar, a partir do mesmo ponto de vista, todos os ingredientes que a compõem, quais sejam: o leitor, o texto e o autor, ressaltando a contribuição de cada um deles.

O conceito de 'formação discursiva', visto em Michel Foucault (1986), nos coloca diante do seguinte questionamento: não será porque a palavra 'leitura' é tomada em apenas um sentido que se rejeita a possibilidade de existir uma leitura errada? O fato de existir mais de uma leitura possível não implica em que uma delas seja errada, ou que o texto deva ser unívoco, apenas que não podem ser adotadas pelo mesmo leitor, numa mesma condição e num mesmo discurso. Uma formação discursiva permite diversidades, mas não aceita contradições, ou seja, para ler um texto, dentro de uma determinada formação discursiva, é preciso que o leitor se sinta autorizado a fazê-la, além de mostrar que o texto a suporta, considerando, é claro, o 'fio discursivo'.

Analisarei, portanto, alguns textos que, para produzirem o efeito de sentido desejado, devem ser interpretados da maneira demandada por eles, sendo desautorizada qualquer outra leitura. Tomando por base o que disse Leon Eliachar: *"Humorismo é a arte de fazer cócegas no raciocínio dos outros. Há duas espécies de humorismo: o trágico e o cômico. O trágico é o que não consegue fazer rir, o cômico é o que é verdadeiramente trágico para se fazer"*, examinemos os textos a seguir, a fim de verificar se o leitor é capaz de se situar entre o trágico (não rir) ou entre o cômico (trágico para se fazer) trabalhos do autor e do leitor no confronto com o texto.

1. O Português foi ao médico e depois de vários exames, este último lhe receitou três remédios. Uma semana depois ele tinha piorado consideravelmente e está na cama agonizante, quando Maria resolve chamar o médico novamente.

- O senhor comprou todos os remédios que eu lhe passei? – pergunta-lhe o médico.

- Mas é claro que eu comprei, doutor!

- E tomou todos direitinho?

- Tomar de que jeito? Se em todos os frascos estava escrito: "Mantenha sempre fechado"?

As piadas que versam sobre o que chamarei nesse trabalho de "leitura errada" de um enunciado, têm tom pejorativo e, quase sempre, estão relacionadas aos portugueses, às crianças, às louras, ao nordestino, ao caipira ou à mulher, todos discriminados de alguma forma pela ignorância que lhes imputam. Ideologias à parte, o que interessa, no momento é o trabalho com a linguagem, a interpretação. Ou seja, estou querendo dizer que o que faz a piada acima ser engraçada é justamente o fato de ter sido feita uma "leitura literal" do enunciado contido no frasco de remédio. Embora não se trate de nenhum texto literário, onde a polissemia é fortemente percebível, existem textos onde, ou por economia, ou por considerar que a enciclopédia do usuário é suficiente para "decodificar" a mensagem, o que precisa ser dito, não está só no texto escrito. Envolve, sobretudo, o contexto, a história do leitor, do autor e a formação discursiva em que estão situados.

O mesmo fenômeno ocorre com as placas de trânsito: "Pare fora da pista" ou "Pare no acostamento" não significa que o motorista deva fazer uma leitura que o obrigue (imperativamente) a parar, assim que lê a sinalização. Todos, até os que não têm nenhum conhecimento lingüístico e/ou discursivo irão fazê-lo apenas se tiverem necessidade. Aliás, é isso mesmo que podemos ler através do "não dito": *Caso precise parar, pare fora da pista, pois é perigoso estacionar na pista.* No caso do remédio, o que não estava dito era: *Após tomar um comprimido, mantenha o frasco sempre fechado, caso contrário, poderá estragar o produto.* Até agora, mostrei o trabalho do autor que, utilizando a "leitura errada" de um usuário, pretendeu causar riso no leitor. Existe, também a possibilidade do leitor fazer a "leitura errada" da piada. Neste caso, se o leitor não fizer a leitura prevista pelo autor, certamente terá sido um humorismo trágico, pois ele não vai conseguir rir.

2. *Na África, dois canibais estão almoçando juntos e um deles diz:*

- *Detesto turista!*

- *Deixa pra lá – diz o outro – coma só o macarrão!*

Novamente, a condição de produção do discurso é que determina o gatilho da piada (Onde? na África, Quem? dois canibais, Quando? na hora do almoço). Como é possível fazer mais de uma leitura, considerando o próprio contexto (África – turistas – canibais), seria esperado (?) entender que a palavra "detesto" estaria se referindo: 1) a *preferência alimentar* - não gosto de comer, 2) a *antipatia por determinados visitantes* – detesto turistas. Entretanto, o humor só é possível se for feita a primeira leitura, já que a frase seguinte "coma só o macarrão", é determinante para que tal leitura seja feita.

3. *Naquele Hotel 5 estrelas, o camareiro muito solícito pergunta ao jovem casal que acaba de se instalar numa de suas suítes:*

- *Mais alguma coisa, senhor?*

- *Não, obrigado!*

- *E sua esposa não precisa de nada?*

- *Ah, sim! Por favor, me arranje um cartão postal!*

Neste caso é preciso que o leitor da piada seja menos ingênuo (ou mais malicioso) que o camareiro para perceber que quem está com o *senhor* não é sua esposa. Só assim faz sentido (?) o cartão postal. Caso não seja esta a leitura realizada, estará desfeito o efeito de humor pensado pelo autor do texto e ele (o texto) será apenas uma história a mais sobre alguns casais em lua de mel.

Com os exemplos acima espero ter dado uma pequena amostra do que considero ser as marcas do autor e do leitor ante um texto humorístico. Afinal, "ler é adentrar nos textos, compreendendo-os na sua relação dialética com os seus contextos e o nosso contexto. O contexto do escritor e o contexto do leitor, quando eu leio um texto". (Paulo Freire, 1982)

BIBLIOGRAFIA

- CERTEAU, M de. (1994). **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, Vozes, 1994.
- DICROT, O (1987). **O dizer e o dito**. Campinas, Pontes, 1987.
- ECO, U. (1987) **Lector in Fábula**. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- FOUCAULT, M. (1972). **Lórdre du discours**. Paris, Gallimard, 1972.
- _____. (1986). **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986.
- FREIRE, Paulo. (1999). *Da leitura do mundo à leitura da palavra*. In: **Estado de leitura**. Campinas, Mercado de Letras, ALB, 1999.
- FREUD, S. (1976). **A psicopatologia da vida quotidiana**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- GERALDI, J. W. (1991). **Portos de passagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- GINZBURG, C. (1989). **Mitos, emblemas, sinais morfologia e história**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- POSSENTI, S. (1992). **Pragas da leitura**. In: *Leitura, escola e sociedade*. São Paulo, FDE, pp. 27-30. 1992.
- _____. (1990). **A leitura errada existe**. In: *Estudos Lingüísticos. Anais de Seminários do GEL, XIX*. Franca, Unifran, pp. 717-724. 1990.
- _____. (1998). **Os humores da língua**. Campinas, Mercado de Letras, 1998.
- ROGER, C. (1994). **A ordem dos livros**. Brasília, Ed. da Universidade de Brasília, 1994.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

**Consulte o site e leia os
artigos publicados**

SUGESTÃO DE LEITURA

PANFLETOS

Uma Leitura Sob o Olhar de Bakhtin e de De Certeau

MARIA CELESTE SAID S MARQUES

Editora da Universidade Federal de Rondônia

RESUMO: É o resultado de um trabalho sobre a inventividade do sujeito na elaboração do texto. O livro destaca as táticas discursivas do sujeito que são demonstradas a partir da grande diversidade e das particularidades na construção do panfleto. As manipulações e subversões apresentadas são resultado de um sujeito constitutivo e inventivo como previstos por Bakhtin e De Certeau. O objetivo do livro, muito bem alcançado, é mostrar que mesmo textos tradicionalmente considerados institucionalizados panfletos políticos permitem demonstrar que o sujeito é constituído por outros discursos.

SUMÁRIO: Princípios Teóricos; Das Condições de Produção; Panfleto: um Gênero Discursivo; O Trabalho do Sujeito Inventivo e Tático.

Áreas de interesse: Letras, Análise do Discurso, Ciência Política Filosofia.

Palavras-chave: Panfleto, gênero, sujeito, Bakhtin, De Certeau,